

## EDITORIAL

Com grande prazer, colocamos no ar uma nova edição, a 34<sup>a</sup>, da revista ARTEFILOSOFIA.

Este número é composto por artigos recebidos através de submissão espontânea e publicados em fluxo contínuo. A configuração heteróclita formada pelos textos assim reunidos traz, em sua essência, o caráter orgânico e as contingências presentes na composição de um periódico e, mais além, próprias de todos os organismos vivos.

Formada por participações voluntárias e livres quanto às escolhas temáticas e teóricas, pode-se perceber nesta edição diversos matizes nas abordagens, perspectivas e estilos, capazes de ampliar, com rigor e profundidade, o desejado diálogo entre arte e filosofia. O entrelaçamento das potências cognitivas da arte – e de toda dimensão estética, no sentido mais original do termo – com conceitos e reflexões próprias da atividade filosófica podem levar adiante o pensamento e a sensibilidade, no desejável caminho de abolição dos limites e de superação das fronteiras.

Com esse novo número, desejamos mais uma vez reafirmar a já consolidada posição de referência ocupada pela ARTEFILOSOFIA no âmbito do pensamento estético e da filosofia da arte.

Os três primeiros artigos deste número abordam o pensamento de Gilles Deleuze. O artigo “*Deleuze e a Estética como um Problema para o Pensamento*”, de Leandro Lélis Matos, traz à baila o pensamento de Gilles Deleuze a fim de refletir acerca do surgimento da Estética enquanto um problema para a filosofia. Partindo dos pares conceituais razão e sensibilidade, arte e pensamento, o autor constrói sua argumentação salientando a radical união existente entre sensação e pensamento, ressaltando a impossibilidade de um existir sem a existência do outro. Assim, o artigo percorre a filosofia de Deleuze, considerando algumas de suas principais influências, e apresenta a arte como via por meio da qual a filosofia pode conectar-se não só com a racionalidade, mas também relacionar-se com a obscuridade e confusão comumente associadas à sensibilidade.

No segundo dos três artigos sobre Deleuze, “*O acontecimento poiético: a arte em vias de se fazer*”, Eduardo Pellejero retoma a proposta de Paul Valéry para uma Poiética – ciência dedicada ao estudo dos gestos/atos próprio à criação artística – tanto a partir do

pensamento deleuziano, no qual a criação artística é compreendida como um ato do pensamento, quanto dos testemunhos de artistas como Francis Bacon, Kandinsky e Jorge Luis Borges. Ainda que a gênese de uma obra de arte não esteja necessariamente associada a qualquer estrutura fixa de regras, Pellejero irá encontrar elementos comuns em tais relatos de sobre como, e em qual medida, a percepção de uma ideia em meio à multiplicidade de matéria e de sensações do mundo, quando transfigurada em arte torna-se capaz de representar algo da interioridade do artista; o que leva o autor, e nós leitores à reflexão sobre como a irrepresentabilidade do real estimula a criações sempre singulares, e é justamente isso o objeto da ciência proposta por Valéry.

Por fim, o artigo de Thiago Mota “*Le cinéma tiers chez Gilles Deleuze et Glauber Rocha : vers une « eztetyka » de la fabulation des peuples*”, parte da instauração do niilismo na Modernidade para analisar as interseções entre a filosofia de Deleuze e o cinema de Glauber Rocha. Enquanto o niilismo se revelaria apenas mais uma perspectiva dentre outras, demonstrando ser uma crença autofágica, a sua constatação exigiria uma atitude de ultrapassagem do próprio niilismo; deste modo, o cinema surge como importante aliado para restabelecer o estatuto das crenças no mundo contemporâneo porque, na medida em que desloca imagens e pensamentos é capaz de estabelecer uma nova relação entre ser humano e mundo. Assim, Mota resgata aspectos políticos e revolucionários do cinema de Glauber Rocha sob a ótica deleuziana, que aponta para uma ontologia do cinema, e que pensa o terceiro cinema a partir de sua tarefa para a criação de um povo.

No artigo “*Arte e Revolução: a forma estética e alienação como possibilidades de emancipação em Herbert Marcuse*”, Ciro Augusto Mota Matias parte do pressuposto de que, com o advento da sociedade tecnológica, a dimensão estética tende a incorporar-se à realidade moldada pelo capitalismo. Assim, o autor apresenta as análises de Marcuse acerca do papel político da arte, demonstrando a relação desta com a sociedade e o potencial emancipatório abrigado pelas obras de arte. O artigo reitera o pensamento do filósofo crítico ao apresentar a defesa da forma estética e da alienação artística, e ao reafirmar o potencial emancipatório presente na autonomia da arte em relação à realidade.

Já o artigo “*Música e cosmovisão...*” de Adriano Kurlle, inicialmente apresenta um panorama das concepções de ‘música’ ao longo da história, que são divididas em dois grandes grupos: as perspectivas miméticas e as perspectivas expressionistas; ademais, o recurso à noção hegeliana de cosmovisão permite ao autor referir-se aos aspectos teóricos

e culturais nos quais as concepções e práticas musicais se apoiam. Na sequência, o autor aborda certas características técnicas da teoria musical, como a relação das condições de percepção do som, a distinção entre consonância-dissonância e o problema da identidade das oitavas. Estes dois momentos fornecem elementos para se pensar a passagem de uma concepção referencial para uma concepção holística de música, onde as práticas musicais seriam moldadas pela teoria, enquanto esta expressaria as próprias práticas já articuladas em uma cosmovisão. Por fim, Kurle oferece uma defesa do construtivismo historicista regulado como cosmovisão capaz de abarcar a pluralidade e complexidade do fenômeno musical, uma vez que a autonomia e racionalidade humanas seriam as bases, ou princípios de tal cosmovisão.

Danilo Mendes, no texto *“Um diálogo sobre o milagre da vida em Manuel Bandeira e o ser-para-a-morte de Martin Heidegger”*, tem uma escrita clara, o que é bastante raro quando se trata de um texto sobre Heidegger. O autor apropria-se de modo sóbrio do conceito heideggeriano de ser-para-a-morte por meio do qual estabelece um diálogo com o poema *“Preparação para a Morte”*, de Manuel Bandeira, publicado em *A Estrela da Tarde* (1963). O foco do artigo é a dualidade entre milagre e natureza. O texto também leva em conta a situação contemporânea causada pela pandemia e as centenas de milhares de vítimas, quando caracteriza a efemeridade da vida como um tema relevante. Para além da “banalidade da morte”, fica construída uma ponte entre o poema de Bandeira e o conceito de Heidegger, tendo em vista a busca de um modo próprio de lidar com a morte.

Em *“Terra e mundo em obra: crítica à tradição estética e arte como alétheia em Heidegger”*, Gabriel Herkenhoff Coelho Moura dá início ao texto ressaltando a importância da conferência sobre *“A Origem da Obra de Arte”* no pensamento de Heidegger relativo à dimensão estética. O autor considera que nesta conferência ficam claras reflexões que já podem ser percebidas de modo não tão evidente em *“Ser e Tempo”* - tais como a destruição da história da ontologia, o esquecimento do ser e a diferença ontológica entre ser e ente. Moura tematiza a posição de Heidegger contra o primado da subjetividade destacando o papel da arte para além da estética. Na conclusão, são formuladas questões fundamentais tanto para o pensamento de Heidegger quanto para a dimensão estética como um todo.

Agradecemos ao Pedro Antônio de Souza Alves Miranda pela criação da capa deste número, cujo fundo é um detalhe da obra “*Shalechet*” (Folhas Caídas), de Menashe Kadishman, do acervo do Museu Judaico de Berlim.

Nossos agradecimentos aos autores acima mencionados. Também seria impossível realizarmos essa edição sem a rede de colaboradoras e colaboradores – com quem compartilhamos a responsabilidade pelas tarefas de recepção dos textos, avaliação, discussões com autores e autoras, diagramação e revisão – à qual agradecemos calorosamente.

Nathalia Barroso

Diego Aurélio

Imaculada Kangussu